

A memória autobiográfica de professoras

ARTIGO

Aline Soares Camposⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Danielle Rodrigues de Oliveiraⁱⁱ 


Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Francisca Mayane Benvindo dos Santosⁱⁱⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Paula Andrea Oliveira Dantas^{iv} 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

José Gerardo Vasconcelos^v 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Resumo

O desenvolvimento da memória autobiográfica aborda a importância da memória como um fenômeno cultural e histórico, destacando seu papel na construção de identidades individuais e coletivas. A memória autobiográfica, em particular, é explorada como uma forma exclusivamente humana de recordar eventos passados, integrando perspectivas, interpretações e avaliações que contribuem para a formação de uma narrativa pessoal. O texto discute modelos socioculturais que explicam o desenvolvimento da memória autobiográfica, conforme Andreano *et al.* (2019), Anderson *et al.* (1993), Bawer *et al.* (2003), Bertsen *et al.* (2019) e Cárdenas-Egúguiza *et al.* (2023), enfatizando a influência de contextos sociais e culturais, bem como o papel das interações familiares, especialmente a forma como as mães relembram eventos com seus filhos. O artigo também apresenta o Teste de Recordação Autobiográfica (ART), uma ferramenta psicométrica desenvolvida para medir diferenças individuais na experiência de memórias autobiográficas. O ART avalia sete componentes inter-relacionados da memória autobiográfica: revivência, clareza, imagens visuais, cena, coerência narrativa, ensaio e história de vida. O teste demonstra alta confiabilidade e validade, sendo útil para integrar pesquisas sobre memória autobiográfica com áreas como psicologia da saúde e da personalidade. A pesquisa aplicou o ART a um grupo de professoras, com o objetivo de explorar como essas profissionais se lembram de eventos passados e como essas memórias se relacionam com sua identidade e prática docente. Os resultados indicaram que a componente “história de vida” foi a mais valorizada pelas participantes, sugerindo que a construção de uma narrativa coerente sobre a própria vida é fundamental para a identidade pessoal e profissional.

Palavras-chave: Professoras. Autobiografia. Memória. História de vida.

The autobiographical memory of teachers

Abstract

The Development of Autobiographical Memory addresses the importance of memory as a cultural and historical phenomenon, emphasising its role in the construction of individual and collective identities. Autobiographical memory, in particular, is explored as a uniquely human way of remembering past events, integrating perspectives, interpretations and evaluations that contribute to the formation of a personal narrative. The text discusses sociocultural models that explain the development of autobiographical memory, according to Andreano *et al.* (2019), Anderson *et al.* (1993), Bawer *et al.* (2003), Bertsen *et al.* (2019) and Cárdenas-Egúsguiza *et al.* (2023), emphasising the influence of social and cultural contexts, as well as the role of family interactions, especially the way mothers recall events with their children. The article also presents the Autobiographical Recall Test (ART), a psychometric tool developed to measure individual differences in the experience of autobiographical memories. The ART assesses seven interrelated components of autobiographical memory: Reliving, Clarity, Visual Images, Scene, Narrative Coherence, Rehearsal and Life Story. The test demonstrates high reliability and validity, making it useful for integrating research into autobiographical memory with areas such as health and personality psychology. The research applied the ART to a group of female teachers, with the aim of exploring how these professionals remember past events and how these memories relate to their identity and teaching practice. The results indicated that the Life Story component was the one most valued by the participants, suggesting that building a coherent narrative about one's own life is fundamental to personal and professional identity.

Keywords: Teachers. Autobiography. Memoir. Life story.

1 Introdução

A memória, como fonte e objeto de conhecimento, é característica das ciências sociais e humanas, ou seja, das ciências interpretativas como a antropologia, a história, a psicologia social, a sociologia, a etnologia e a história oral. Quer se considere estas áreas do conhecimento como um suplemento ou uma diferença específica dentro da história, como o gênero próximo, ou como um domínio epistêmico totalmente autônomo que está, no entanto, aberto a influências interdisciplinares. Deste ponto de vista, o que distingue a história oral de outras disciplinas sociais dedicadas ao estudo da memória seria a sua propensão para articular um discurso programaticamente crítico e problematizador em torno da memória, vista tanto como fonte histórica e como fenômeno cultural, marcado pela sua própria natureza (Grama, 2008).

O fenômeno da memória é parte importante da vida, embora não se apresente como condição necessária da atividade mental. A memória é uma forma das pessoas construírem seu passado por meio de lembranças, livros, filmes, documentos, cerimônias e assim por diante. Nos estudos, a memória surge em vários aspectos – coletivo, social, cultural, genético e histórico. A razão para reivindicar uma “era da memória mundial” é a crítica às versões oficiais da história, o retorno da memória às comunidades e povos cuja história foi ignorada, a ativação de vários eventos memoriais e muito mais. Mostra-se que uma memória coletiva de construção social e cultural retém o passado autêntico como sua versão e serve como meio para atingir determinados objetivos (Ilin, 2020).

A memória coletiva está em constante mudança, o que é não linear, irracional e nem sempre sujeito à análise lógica. Novos eventos e ideias afetam a percepção do passado, e os padrões de interpretação do passado determinam a compreensão do presente. A relação entre memória coletiva e individual aparece como a relação entre memória e história. A principal função da memória histórica é formar uma identidade. O desenvolvimento dos estudos de Andreano *et al.* (2019), Anderson *et al.* (1993), Bawer *et al.* (2003), Bertsen *et al.* (2019) e Cárdenas-Egúsguiza (2023) da memória distingue a memória política, funcional e cumulativa que utiliza o passado para moldar a identidade nacional.

O contexto da memória histórica inclui os conceitos de “esquecimento”, “costume” e “tradição” que ajudam a identificar os momentos decisivos da história, pois são indicadores do surgimento de uma nova sociedade. A memória histórica é uma ferramenta para usar o passado para atingir objetivos ditados pela situação atual. A mobilização da memória e das percepções coletivas do passado tem sido parte integrante do processo político nos últimos séculos (Lowenthal, 1993).

A construção de narrativas hegemônicas coloca em primeiro plano mitos históricos e políticos. A este nível, a ligação entre a memória social e o imaginário social se revela muito forte. Além da estrutura mítica das histórias fundadoras, a configuração narrativa da memória social exige uma distinção cuidadosa entre o que deve e o que não deve ser contado: entre os elementos do passado que farão parte da trama e aqueles que serão

silenciados; entre o que é memorável e o que é destinado ao esquecimento. É assim que se dá a junção entre memória e poder – tema recorrente nos estudos culturais dedicados à memória, cujo corolário é o tema do esquecimento como efeito do poder. Sabemos que a história é escrita pelos vencedores, porém, são também eles que prescrevem os silêncios da história; e os silêncios da memória têm uma história própria (Grama, 2008).

A memória autobiográfica é aquela forma de memória exclusivamente humana que vai além da lembrança de eventos vivenciados para integrar uma perspectiva, interpretação e avaliação entre si, o outro e o tempo para criar uma história pessoal. Resumindo: segundo Andreano *et al.* (2019), Anderson *et al.* (1993), Bawer *et al.* (2003), Bertsen *et al.* (2019) e Cárdenas-Egúsguiza *et al.* (2023), a memória autobiográfica é a memória do eu interagindo com os outros a serviço de objetivos de curto e de longo prazo que definem nosso ser e nosso propósito no mundo.

Os modelos socioculturais de desenvolvimento da memória autobiográfica demonstram que: a) a memória autobiográfica é um sistema em desenvolvimento gradual ao longo da infância e da adolescência que depende do desenvolvimento de um senso de *self* subjetivo como contínuo em tempo; b) a memória autobiográfica se desenvolve dentro de contextos sociais e culturais específicos que se relacionam com diferenças individuais, de gênero e culturais nas memórias autobiográficas dos adultos, e; c) mais especificamente, mães que relembram seus filhos pequenos de maneira elaborada e avaliativa têm filhos que desenvolvem memórias autobiográficas mais detalhadas, coerentes e avaliativas (Fivush, 2011).

No estudo da memória humana, os termos “episódio” e “acontecimento” são frequentemente utilizados para se referir ao conhecimento correspondente à memória autobiográfica. Embora tais termos definam estruturas-chave na teoria, a sua realidade psicológica raramente foi pesquisada e a sua existência, conteúdo e estrutura são frequentemente pressupostos. Wheeler *et al.* (1997) apontam que diversas evidências apoiam uma teoria preliminar de recordação episódica que sustenta que o córtex pré-frontal desempenha um papel crítico e de supervisão na capacitação de adultos saudáveis com consciência autonoética, ou seja, a capacidade de representar mentalmente e tornar-

se consciente de experiências subjetivas no passado, presente e futuro. Quando alguém que lembra e viaja, mentalmente, de volta no tempo subjetivo para reviver seu passado pessoal, o resultado é um ato de recuperação da memória episódica.

De acordo com os relatos de Conway e Pleydell-Pearce (2000), memórias autobiográficas são construídas a partir de conhecimentos específicos de eventos gerais e períodos de vida. Além disso, eles propuseram que esta construção ocorre na conjunção do *self* funcional com as bases de conhecimento autobiográfico (o chamado sistema de automemória) e ocorre quando o complexo sistema de objetivos do *self* funcional definido como um subconjunto de processos de controle da memória de trabalho organizados em hierarquias de objetivos interconectados que funcionam para restringir a cognição, modula o acesso ao conhecimento e a construção da memória.

Estudos atuais sugerem que a noção de “episódios” pode ser introduzida de forma útil no modelo do sistema de automemória, de acordo com Andreano *et al.* (2019), Anderson *et al.* (1993), Bawer *et al.* (2003), Bertsen *et al.* (2019) e Cárdenas-Egúsguiza *et al.* (2023), e que os temas que se relacionam com períodos de vida podem refletir, em parte, a influência do sistema de objetivos pessoais em funcionamento na base de conhecimento da memória autobiográfica. Assim, os episódios podem ser representados na base de conhecimento em grande parte pelo conhecimento específico do evento, e um evento pode ser uma representação que une conjuntos de conhecimento específico do evento, talvez por fornecer uma dica que pode ser usada para acessar partes do conhecimento específico do evento (Anderson; Conway, 1993).

A memória autobiográfica abrange memórias de eventos vivenciados pessoalmente e a memória autobiográfica coletiva se refere à noção de que as pessoas podem vivenciar os mesmos eventos (desastres, celebrações, comemorações, eventos esportivos, ritos de iniciação etc.) juntos e ao mesmo tempo. Além disso, estes acontecimentos podem vir a ter as características de uma memória coletiva – memórias mantidas em comum com implicações para a identidade e a memória do grupo (Halbwachs, 2013). Os membros do grupo podem discutir o evento juntos e chegar a um consenso sobre o significado e a importância do evento que está sendo lembrado. Isto invoca a recordação seletiva de

certos aspectos do evento “a ser lembrado”, com a perda de outros aspectos da memória. A memória coletiva requer necessariamente conformidade de memória (ou alinhamento de memória), o que pode acontecer como resultado da deliberação do grupo.

Cada indivíduo tem um passado único, mas, alguns indivíduos parecem lembrar melhor do seu passado do que outros. Alguns afirmam ter memórias autobiográficas muito claras e, frequentemente, envolvem-se em recordações autobiográficas; outros afirmam que as suas memórias são vagas e que raramente pensam no seu passado. Essas sugestões de bom senso de diferenças individuais estáveis na memória autobiográfica encontram apoio científico.

Estudos demonstraram diferenças de gênero na memória autobiográfica. As mulheres, geralmente, demonstram melhor recordação de acontecimentos pessoais do que os homens, especialmente de acontecimentos emocionais ou aspectos emocionais de acontecimentos, por exemplo (Andreano; Cahill, 2009; Bauer *et al.*, 2003). Outros estudos mostraram diferenças de idade, com classificações subjetivas de qualidades de memória autobiográfica aprimorando com o aumento da idade (Rubin; Berntsen, 2009).

Segundo, Leport *et al.* (2012), um pequeno grupo de indivíduos demonstra “memória autobiográfica altamente superior” (HSAM), mostrando acesso aparentemente fácil a memórias detalhadas de quase qualquer evento em suas vidas, enquanto outros mostram “memória autobiográfica gravemente deficiente” (SDAM), alegando incapacidade de ter lembranças vívidas de seu passado (Palombo *et al.*, 2015).

O objetivo do presente trabalho é começar a preencher esta lacuna, introduzindo um teste de diferenças individuais, o Teste de Recordação Autobiográfica (ART, do inglês *Autobiographical Recollection Test*) (Berntsen *et al.*, 2019), que mede quão bem as pessoas pensam que se lembram de eventos do seu passado. Indivíduos com pontuações mais altas no ART estão mais inclinados a pensar que se lembram bem do seu passado. O foco da ART está na experiência rememorativa, e não na precisão das memórias autobiográficas.

Assim, observar a intuição das pessoas sobre suas próprias memórias pessoais é importante porque há evidências de que as pessoas agem de acordo com essa intuição,

por exemplo, ao distinguir entre eventos vividos pessoalmente e eventos imaginados e/ou identificar a fonte de sua memória (Johnson *et al.*, 1993). De forma mais ampla, os autorrelatos de experiências recordais são utilizados em muitos estudos de memória autobiográfica (Congleton; Berntsen, 2018) e também em testes de diagnóstico de perturbações mentais, bem como em ambientes forenses, sublinhando a sua relevância teórica e aplicada.

Deste modo, é importante ressaltar que essas diferenças individuais parecem específicas da memória autobiográfica, no sentido de que não são paralelas, de maneira direta, às diferenças semelhantes em tarefas de memória laboratoriais mais padrão. Isto sublinha a relevância do desenvolvimento de testes que visam especificamente diferenças individuais na memória autobiográfica.

2 Metodologia

Atualmente, faltam testes que investiguem diferenças individuais relacionadas às características gerais da memória autobiográfica (Berntsen *et al.*, 2019). A maioria dos estudos examina memórias para eventos individuais, ou seleções de eventos motivadas teoricamente, e ignora diferenças individuais e tendências mais estáveis na memória para eventos passados. Assim, alguns estudos utilizaram pontuações médias de diferentes memórias para examinar tendências individuais nas qualidades subjetivas das memórias, bem como a sua estabilidade ao longo do tempo (Rubin *et al.*, 2004). No entanto, o campo carece de um teste psicométrico das diferenças individuais na experiência de memórias autobiográficas.

O Teste de Recordação Autobiográfica (ART) é utilizado para examinar as diferenças individuais em quão bem as pessoas pensam que se lembram de eventos pessoais. A ART compreende sete aspectos inter-relacionados, teoricamente motivados e empiricamente apoiados, da lembrança de memórias autobiográficas: clareza, coerência, reviver, ensaio, cena, visual e história de vida. As propriedades psicométricas desejáveis do ART são estabelecidas por análises fatoriais confirmatórias, demonstrando que os itens

que sondam cada um dos sete componentes formam fatores bem definidos, embora altamente correlacionados, que são indicadores de um único fator subjacente de segunda ordem.

Tais componentes são concebidos como diferentes aspectos da maneira como os indivíduos vivenciam suas memórias autobiográficas. Cada um deles é bem motivado pela literatura sobre memória autobiográfica. Revivência e clareza são parte da maioria dos relatos filosóficos sobre o que distingue a memória autobiográfica de outros tipos de memória e são centrais para a consciência autoconsciente e a sensação de viajar mentalmente no tempo — um critério definidor para a memória episódica (Wheeler *et al.*, 1997).

Nesse estudo dos diferentes componentes sensoriais, a imagem visual é mostrada como mais fortemente associada a outras características da lembrança autobiográfica, como reviver. Lembrar do *layout* espacial em termos de uma cena, também é um componente-chave para ter uma memória de evento. A narrativa é central para a lembrança autobiográfica dos pontos de vista do desenvolvimento, clínico, social e da personalidade (Rubin; Umanath, 2015). O ART inclui classificações tanto da coerência narrativa de memórias individuais quanto da relevância da história de vida das memórias no contexto da vida geral vivida e narrada. Finalmente, ensaiar memórias autobiográficas em comunicação social ou em silêncio é uma característica comum da lembrança autobiográfica que varia sistematicamente com outras características das memórias.

O ART mostra alta confiabilidade teste-reteste em atrasos médios de três semanas e se correlaciona significativamente com um teste de diferentes categorias de memória. No geral, as descobertas documentam que a lembrança autobiográfica é uma dimensão que varia entre os indivíduos. O ART constitui um teste de memória autobiográfica confiável e de fácil administração que ajudará a integrar a pesquisa da memória autobiográfica com campos geralmente preocupados com as diferenças individuais, como a psicologia da saúde e da personalidade (Berntsen *et al.*, 2019).

Desta feita, Gehrt *et al.* (2022) examinaram se o ART se correlaciona com as características de memórias autobiográficas específicas das pessoas, em um ensaio com

475 participantes que completaram os questionários e classificaram qualidades de recordação de memórias autobiográficas indicadas por palavras (Estudo 1), por valência emocional positiva e negativa (Estudo 2) e por direção temporal futura e passada (Estudo 3). As descobertas dos três estudos demonstram que a experiência geral das pessoas com sua memória autobiográfica, medida pela ART, está relacionada de forma confiável a como memórias autobiográficas específicas são lembradas e eventos futuros imaginados.

As correlações com a ART foram bastante consistentes entre memórias e pensamentos futuros, diferentes qualidades de lembrança, memórias sinalizadas de várias maneiras e eventos recuperados com e sem atraso. As descobertas dão suporte à validade de construto da ART. Demonstrar a ART como um indicador confiável de como os indivíduos vivenciam sua memória autobiográfica pode ajudar a integrar a memória autobiográfica em campos de pesquisa geralmente preocupados com diferenças individuais (Berntsen *et al.*, 2019).

2.1. O Instrumento da Pesquisa

O instrumento da pesquisa, ora apresentado, aborda inicialmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com o seguinte texto: *Você está sendo convidada a participar, como voluntária, do estudo/pesquisa intitulado “Eliane Dayse Furtado: a mulher docente, as memórias, as histórias e os esquecimentos nas trajetórias dos processos de construção e formação da sociedade (1991 a 2023)”, submetido ao Programa de Pós-Graduação em Educação – UFC, conduzido pela Profa. Aline Soares Campos e orientado pelo Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos. O instrumento tem o objetivo de aplicar o Teste de Recordação Autobiográfica (ART) que é utilizado para examinar as diferenças individuais, em quão bem as pessoas pensam que se lembram de eventos pessoais. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.* A população respondente caracterizou-se por mulheres professoras e/ou docentes – cujo perfil se alinhava ao tema principal da pesquisa doutoral de uma das autoras do estudo.

O questionário temático aborda os sete aspectos inter-relacionados da lembrança das memórias autobiográficas, com três repetições de cada item, totalizando 21 questões, para analisar o grau de consistência das respostas. Nas instruções de preenchimento foi utilizada uma escala do tipo Likert, que é um instrumento psicométrico amplamente utilizado para medir atitudes, opiniões ou percepções em contextos de pesquisa. A escala Likert apresenta aos respondentes uma série de declarações acompanhadas por opções de resposta simétricas, tipicamente estruturadas em uma escala de cinco pontos variando de “Discordo Totalmente” a “Concordo Totalmente”. Deste modo, cada ponto na escala representa uma gradação de concordância ou sentimento, permitindo que os pesquisadores transformem respostas subjetivas em dados quantificáveis para análise e interpretação estatística (Koo; Yang, 2025).

Neste sentido, foi solicitado que em cada item, as respondentes indicassem, numa escala de 1 a 5, o quanto a descrição se aplica à forma como: *“Você se lembra de eventos do seu passado. Por favor, considere como você se lembra de eventos passados e responda às perguntas de forma honesta e sincera, escolhendo um número entre 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente)”* (Quadro1).

Quadro 1 - Questionário temático que aborda os sete aspectos inter-relacionados da lembrança das memórias autobiográficas

ITENS DE ESCALA	COMPONENTES
1. Minhas memórias de eventos passados têm muitos detalhes.	Clareza
2. Minhas lembranças de eventos passados chegam até mim como boas histórias ou descrições.	Coerência
3. Ao me lembrar de acontecimentos passados, é como se os estivesse revivendo.	Reviver
4. Muitas vezes penso em eventos passados e penso ou falo sobre eles.	Ensaio
5. Nas minhas memórias de eventos passados, lembro onde as ações, objetos e pessoas estão localizadas nos eventos.	Cena
6. Ao me lembrar de eventos passados, posso vê-los em minha mente.	Visual
7. Minhas memórias de acontecimentos passados são uma parte central da história da minha vida.	História de vida
8. Minhas lembranças de eventos passados são vívidas.	Clareza
9. Minhas memórias de eventos passados são coerentes e conectadas, e não uma coleção de fragmentos isolados e desconectados.	Coerência

10. Ao me lembrar de eventos passados, é como se eu estivesse viajando mentalmente de volta ao tempo em que ocorreram.	Reviver
11. Minhas lembranças de eventos passados muitas vezes surgem sozinhas em minha mente – sem que eu tente conscientemente lembrá-las.	Ensaio
12. Nas minhas memórias de acontecimentos passados, lembro-me de onde estou em relação às coisas individuais dos acontecimentos.	Cena
13. Ao me lembrar de eventos passados, posso ver com os olhos da mente o que aconteceu.	Visual
14. Minhas lembranças de acontecimentos passados fazem parte da minha identidade.	História de vida
15. Minhas memórias de eventos passados são claras, não confusas ou turvas.	Clareza
16. Minhas memórias de eventos passados chegam até mim completas, não em pedaços com pedaços faltantes.	Coerência
17. Ao me lembrar de acontecimentos passados, é como se eu estivesse vivenciando novamente a mesma atmosfera geral.	Reviver
18. Depois que um evento acontece, muitas vezes penso nele de forma voluntária e deliberada e tento me lembrar dele.	Ensaio
19. Nas minhas memórias de acontecimentos passados, lembro-me da configuração do cenário mais amplo em que os acontecimentos se situam.	Cena
20. Minhas memórias de eventos passados possuem detalhes visuais claros.	Visual
21. Minhas lembranças de acontecimentos passados são uma referência para a forma como me entendo e o mundo.	História de vida

Fonte: Berntsen *et al.*, 2019.

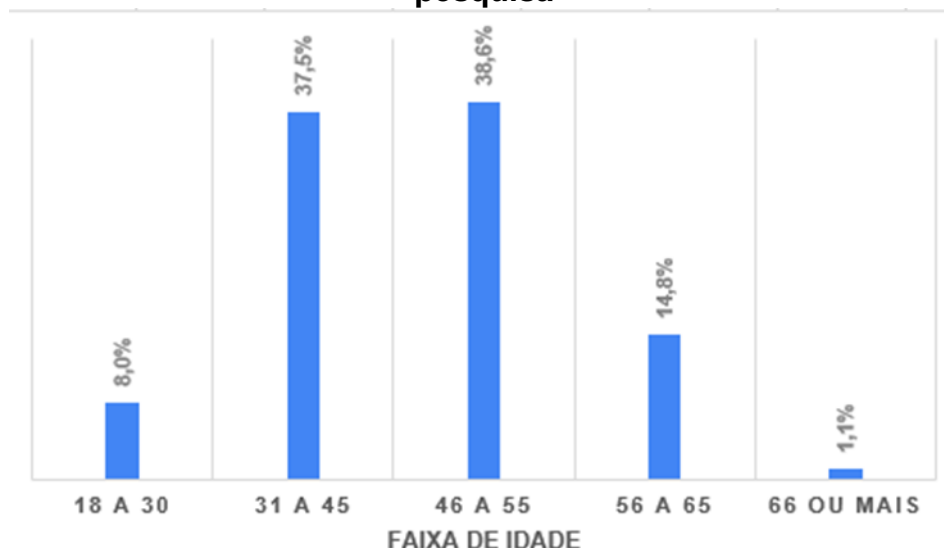
As descobertas demonstram que as pessoas que geralmente consideram suas memórias autobiográficas vívidas, detalhadas, relevantes e coerentes relatam uma maior tendência a se envolver em várias formas de cognição espontânea, incluindo devaneios construtivos positivos, divagações mentais espontâneas, viagens mentais involuntárias no tempo e fantasia vívida e envolvente. Discutimos essas descobertas em termos do papel que a memória autobiográfica desempenha nos pensamentos espontâneos (Cárdenas-Egúsqiza; Berntsen, 2023).

3 Resultados e Discussão

O formulário do *Google Forms* foi ativado na internet no período de 15/02/2025 a 24/02/2025 e enviado através do *WhatsApp* em diversos grupos, totalizando, em 10 dias de pesquisa, uma devolutiva de 88 respostas. Vale ressaltar que a pesquisa foi dirigida somente ao público feminino formado por professoras da educação básica e do ensino

superior, devido ao tema de tese ser sobre a mulher docente. Em relação à caracterização das respondentes, a idade média do grupo foi de 45 anos dividida entre as 5 faixas de idade disponíveis (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Percentual da faixa de idade das professoras que participaram da pesquisa



Fonte: Autores, 2025.

Segundo Huberman (2000) o conceito de desenvolvimento profissional se apresenta com diversas definições e em sua maioria, pode ser entendido como um processo que melhora o conhecimento e as competências das professoras, conferindo-lhes uma atitude permanente de pesquisadoras que buscam, por meio de questionamentos, soluções para os seus problemas. A finalidade e objetivo principal dessas ações são a melhoria da sua prática educativa e, conseqüentemente, a melhoria da aprendizagem de seus estudantes. Nesse sentido, o autor distingue quatro fases que marcam o processo de evolução da profissão docente, que são: a entrada na carreira, a estabilização, a experimentação ou diversificação e a preparação para a aposentadoria.

A fase inicial do magistério, representada por 8% dos participantes, é caracterizada por mulheres jovens em início e estabilização da carreira, com experiência de trabalho entre 3 e 10 anos. O segundo período da carreira das professoras envolve as faixas de idade

entre 31 e 55 anos, fase em que a professora diversifica suas atividades, e que pode durar de 7 a 25 anos. O limite inferior deste intervalo corresponde à entrada da mulher na meia-idade, quando muitas mulheres atingem maturidade, autoconhecimento e autoestima elevada, sendo a fase em que se começa a saber o que gosta e o que não gosta. As fases seguintes correspondem ao período da menopausa, cuja idade média é em torno dos 51 anos, mas ela pode chegar ainda nos seus 40 anos ou acontecer anos mais tarde. Em paralelo, inicia-se a preparação para a aposentadoria, momento em que a professora inicia o desinvestimento na carreira, processo que, via de regra, ocorre após 35 a 40 anos de exercício profissional (Huberman, 2000).

Historicamente, a identidade feminina tem sido marcada pela discriminação, visto que as competências socialmente valorizadas estão predominantemente associadas ao domínio masculino, o que sistematicamente afasta as mulheres das esferas de poder e influência social. Enquanto aos homens foi reservada a esfera produtiva, às mulheres restou a reprodutiva. Essa dicotomia cria e reproduz as desigualdades de papéis e funções na sociedade. Ainda que tenham ocorrido conquistas no que tange o papel da mulher na sociedade, especialmente no século XX, ainda não se pode dizer que a desigualdade de gênero tenha acabado.

A questão de gênero na carreira docente é um tema que envolve desigualdades, desafios e dinâmicas específicas no ambiente educacional. Embora a docência, especialmente nos níveis iniciais de ensino, seja historicamente associada às mulheres, a presença masculina e feminina varia de acordo com o nível de ensino e a área do conhecimento. Na nossa pesquisa, ao serem questionadas sobre o gênero, 93,2% das respondentes correspondem a mulheres cisgênero, 5,7% gênero outros e 1,1% gênero não binário. No nosso ponto de vista, o gênero na carreira docente se trata da concepção de ser professora e é perpassada pela maneira como as educadoras se entendem como mulheres ou não.

A qualidade das pesquisas na *web* visa, em geral, aumentar a taxa de resposta e, nesse sentido, fazem mais esforços em pelo menos quatro áreas. O primeiro, e mais importante entre estágios da pesquisa na *web* tem se concentrado no desenvolvimento da

pesquisa (por exemplo, como formatar melhor a pesquisa) e entrega da pesquisa (por exemplo, como contatar melhor as entrevistadas) (Fan; Yan, 2010). Em relação ao local de atuação, predomina o ensino na educação básica com 87,5%, seguida de uma jornada dupla das professoras lecionando na educação básica e no ensino superior com 8% e somente 4,5% no ensino superior. Este resultado, a priori, já era esperado, pois no nosso estudo, os entrevistados contatados faziam parte do círculo de trabalho dos autores, formado por professoras da educação básica lotadas na rede estadual de ensino do Estado do Ceará, nas escolas de ensino médio, e na rede municipal de ensino, nas escolas de ensino fundamental. Esta premissa é reforçada nas estatísticas do local de trabalho com 81,8% no setor público, 4,5% setores público e particular, e 13,6% somente no particular.

A segunda parte do questionário apresenta uma série de perguntas, solicitando às professoras que indiquem o quanto a afirmação de cada item se aplica à forma como você se lembra de eventos do seu passado: *“Dessa forma, considere como você se lembra de eventos passados e responda às perguntas de forma honesta e sincera, escolhendo um número entre os escores 1 a 5, sendo 1) discordo totalmente; 2) discordo; 3) indiferente; 4) concordo; e 5) concordo totalmente”*.

Memória autobiográfica é o tipo de memória que nos permite lembrar e reviver conscientemente memórias do nosso passado. É uma forma complexa de memória que consiste em vários componentes cognitivos e emocionais que devem ser combinados na construção de memórias individuais e que podem ser influenciados por outros fatores, como distúrbios clínicos e de personalidade. Esta memória apoia nosso senso de identidade, pois contribui para o desenvolvimento e a manutenção de relações sociais, para a resolução de problemas e para a formação de ideias sobre o futuro. Apesar de sua importância central, os pesquisadores sabem pouco sobre diferenças individuais na experiência de memórias autobiográficas. As pessoas frequentemente afirmam que sua memória para eventos passados é melhor ou pior do que a de outras pessoas, mas o campo carece de um teste padronizado de tais diferenças individuais na experiência da memória autobiográfica (Berntsen *et al.*, 2019).

Na memória autobiográfica, que é a memória das experiências pessoais que nos ajudam a construir nossa identidade, diversos componentes ajudam a organizar e dar significado às recordações, que no nosso caso acontece através da pontuação das questões que estão associadas aos diferentes componentes da memória. Dentro desse contexto, os componentes ajudam a estruturar e compreender como essas memórias são formadas, armazenadas e recuperadas. Vamos explorar cada uma dessas componentes:

- **Clareza:** refere-se à intensidade emocional e sensorial de uma memória. Memórias vivas são aquelas que evocam sentimentos fortes e detalhes ricos, como cores, cheiros, sons ou texturas. Esse componente está frequentemente relacionado ao impacto emocional do evento registrado. Exemplo: lembrar claramente da sensação do vento no rosto no dia de uma grande conquista.
- **Coerência:** no que concerne à lógica e à organização das memórias dentro de uma narrativa consistente. Uma memória coerente faz sentido em relação às outras recordações e à identidade pessoal do indivíduo, criando uma “história de vida” integrada. Exemplo: uma pessoa pode lembrar de ter escolhido uma profissão porque gostava de ciência desde a infância.
- **Revivência:** é a capacidade de “reviver” o momento como se ele estivesse acontecendo novamente. Inclui a sensação de estar no lugar e no tempo em que a experiência ocorreu, muitas vezes com grande clareza. Exemplo: sentir-se transportado de volta à sala de aula ao lembrar de uma apresentação importante feita na infância.
- **Ensaio:** refere-se à repetição e recontagem de uma memória ao longo do tempo, o que pode reforçar ou modificar certos detalhes. Ensaio é comum em histórias que compartilhamos com frequência com os outros ou revisamos mentalmente. Exemplo: recontar, repetidamente, o dia do casamento para amigos e familiares, o que mantém a memória viva.
- **Cena:** está relacionada ao caráter visual e espacial de uma memória. Cenas são imagens ou configurações específicas que organizam a recordação em termos de

localização e contexto visual. Exemplo: lembrar, exatamente, como a mesa estava arrumada em um jantar importante.

- Visual: enfatiza os aspectos imagéticos e detalhados da memória. Esse componente se sobrepõe ao de “cena”, mas foca na riqueza dos detalhes visuais que o indivíduo pode recordar. Exemplo: Recordar as cores de um vestido ou a disposição dos móveis em um quarto de infância.
- História de vida: É o conjunto de memórias autobiográficas organizadas em uma narrativa coerente que define quem somos. Inclui as experiências mais significativas e estruturantes, ligando-as ao desenvolvimento da identidade. Exemplo: Alguém pode se ver como “uma pessoa resiliente” com base em memórias de superar desafios.

Essas componentes interagem para formar memórias que são mais ou menos ricas, emocionalmente carregadas e significativas para a construção da identidade pessoal. Juntas, ajudam a explicar como as memórias autobiográficas são formadas, mantidas e recuperadas. Elas interagem de maneiras complexas para criar uma rica tapeçaria de experiências passadas que definem nossa identidade e nossa compreensão do mundo.

O questionário elaborado no Teste de Recordação Autobiográfica (ART) utiliza perguntas que representam os diversos componentes de forma triplicada distribuídas de forma aleatória ao longo de todo o inquérito para testar a consistência das escolhas. No mesmo sentido, utilizamos a escala Likert sem repetição da ordem das opções 1 a 5 (ora descendente, ora ascendente e ora embaralhada) para forçar o respondente a pensar bem na sua escolha. Na análise destes dados, consideramos a soma dos escores 4 (concordo) e 5 (concordo totalmente) para identificar as opções de maior preferência. A opção “história de vida” apresentou o maior índice de respostas, correspondendo a 80,5% da preferência das professoras, estando 57% mais elevada que o valor médio das respostas do restante dos outros componentes analisados.

Esta componente se refere à narrativa global que construímos sobre nossas vidas. A história de vida é uma integração de várias memórias autobiográficas que formam uma narrativa coerente e significativa sobre quem somos. Ela inclui eventos-chave, transições

importantes e temas recorrentes que definem nossa identidade e sentido de *self*. Os componentes preteridos apresentam valores médios entre 47,1% e 55,2% com média de 51,3% e desvio padrão de 3,14%, ou seja, a maioria das repostas corresponde a escores indiferentes ou que discordam das alternativas (Tabela 1).

17

Tabela 1 – Resultado da avaliação de preferência das componentes da memória autobiográfica

Escore	Clareza	Coerência	Reviver	Ensaio	Cena	Visual	História de vida
1	1,1%	0,0%	2,3%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%
2	11,5%	13,8%	13,8%	9,2%	16,1%	13,8%	4,6%
3	35,6%	39,1%	32,2%	34,5%	35,6%	32,2%	14,9%
4	39,1%	36,8%	42,5%	46,0%	41,4%	40,2%	47,1%
5	12,6%	10,3%	9,2%	9,2%	6,9%	13,8%	33,3%
4 + 5	51,7%	47,1%	51,7%	55,2%	48,3%	54,0%	80,5%

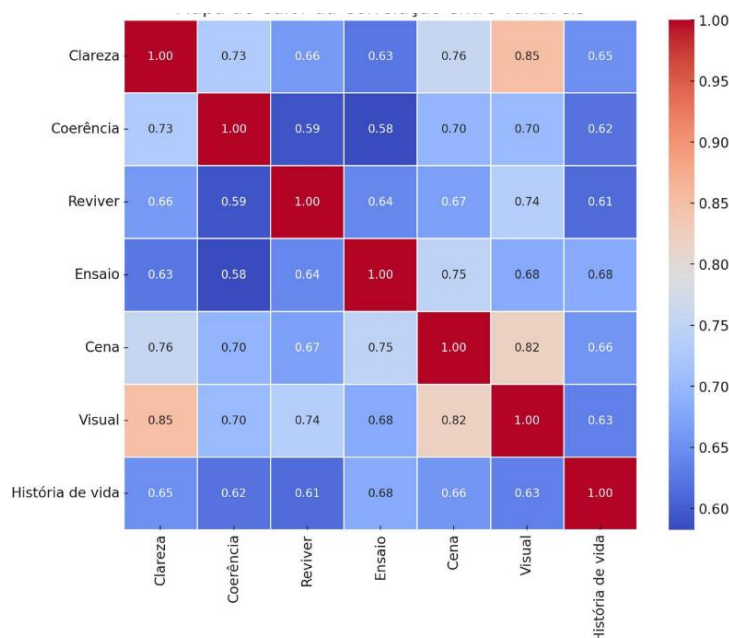
Fonte: Autores, 2025.

O coeficiente de variação (CV) é um indicador da variabilidade de um conjunto de dados, e sua medida corresponde à razão percentual entre o desvio-padrão e à média dos dados. Como essa medida é expressa em porcentagem, é possível utilizá-la para comparar a variabilidade de conjuntos de dados distintos que envolvam grandezas diferentes. Dessa forma, podemos dizer que o coeficiente de variação é uma forma de expressar a variabilidade dos dados excluindo a influência da ordem de grandeza da variável. O CV variou entre 19,9 na história de vida e 25,7 na componente clareza, esta pequena variação média de 2,2. A interpretação do CV indica que valores abaixo de 10% representam: baixa variabilidade (dados são mais homogêneos); entre 10% e 30%: variabilidade moderada, e; acima de 30%: alta variabilidade (os dados estão mais dispersos em relação à média). A análise das distribuições apresenta praticamente o mesmo padrão, com variabilidade moderada nos diversos componentes da pesquisa.

Correlação é um método estatístico usado para avaliar uma possível associação linear entre duas variáveis contínuas. Em termos estatísticos, correlação é um método de avaliar uma possível associação linear bidirecional entre duas variáveis contínuas. A correlação é medida por uma estatística chamada coeficiente de correlação, que representa a força da suposta associação linear entre as variáveis em questão. É uma

quantidade adimensional que assume um valor no intervalo de -1 a $+1$. Um coeficiente de correlação de zero indica que não existe nenhuma relação linear entre duas variáveis contínuas, e um coeficiente de correlação de -1 ou $+1$ indica uma relação linear perfeita. A força da relação pode estar em qualquer lugar entre -1 e $+1$. Quanto mais forte a correlação, mais próximo o coeficiente de correlação chega de ± 1 . Se o coeficiente for um número positivo, as variáveis estão diretamente relacionadas (ou seja, conforme o valor de uma variável aumenta, o valor da outra também tende a aumentar). Se, por outro lado, o coeficiente for um número negativo, as variáveis estão inversamente relacionadas (ou seja, conforme o valor de uma variável aumenta, o valor da outra tende a diminuir). Para calcular a correlação entre as variáveis, utilizamos o coeficiente de correlação de Pearson, que mede a relação linear entre duas variáveis e com este mesmo método elaboramos a matriz de correlação entre as variáveis (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Mapa de calor da correlação entre variáveis



Fonte: Autores, 2025.

Para a análise dos coeficientes de correlação, Hinkle *et al.* (2003) apresentaram uma regra prática para interpretar o tamanho de um coeficiente de correlação. Na

interpretação da matriz, todos os valores de correlação na diagonal principal são 1,00, pois cada variável tem uma correlação perfeita consigo mesma. Isso é esperado e não traz informações relevantes para a análise. Os valores fora da diagonal mostram a correlação entre pares de variáveis. Destaca-se alguns padrões: correlações insignificantes (valores próximos de 0); baixa correlação (valores entre 0,3 e 0,5); correlação moderada (valores 0,5 a 0,7); alta correlação (valores 0,7 a 0,9); correlação muito alta (valores 0,9 a 1,0).

A variável “visual” apresentou coeficiente correlação mais elevados, 0,85, com os componentes “clareza” e “cena”, e da ordem de 0,7 com as componentes “coerência” e “reviver”, mas todas classificadas como alta correlação. “Clareza” e “coerência” também apresentam uma alta correlação. No outro extremo ocorre a componente “história de vida” que apresenta somente correlação moderada com o restante das variáveis.

Em resumo, os coeficientes de correlação são usados para avaliar a força e a direção das relações lineares entre pares de variáveis, quando ambas as variáveis são normalmente distribuídas, se usa o coeficiente de correlação de Pearson. Os coeficientes de correlação não comunicam informações sobre se uma variável se move em resposta a outra e não há nenhuma tentativa de estabelecer uma variável como dependente e a outra como independente. Assim, as relações identificadas usando coeficientes de correlação devem ser interpretadas pelo que são: associações, não relações causais.

Com esse estudo pretendemos testar uma nova escala psicométrica, chamada Teste de Lembrança Autobiográfica (ART), que mede o quão bem as pessoas acham que se lembram de eventos em seu passado. As análises estatísticas dos resultados da aplicação do questionário mostraram propriedades psicométricas desejáveis, alta confiabilidade de teste-reteste e correlações significativas com outras medidas de memória. Ao fornecer um teste robusto e de fácil administração de memória autobiográfica, o ART ajudará a integrar a pesquisa sobre memória autobiográfica com áreas que geralmente lidam com diferenças individuais, como a história oral.

4 Considerações Finais

A memória autobiográfica desempenha um papel central na formação da identidade individual e coletiva. Ela não apenas permite a recordação de eventos passados, mas também contribui para a construção de uma narrativa pessoal que dá sentido à vida e às experiências vividas. A memória autobiográfica é influenciada por fatores sociais, culturais e emocionais, e seu desenvolvimento é um processo contínuo ao longo da vida. O estudo destaca que existem diferenças significativas na forma como as pessoas experienciam e recordam suas memórias autobiográficas. Essas diferenças podem ser influenciadas por fatores como gênero, idade e contextos culturais. O ART se mostrou uma ferramenta eficaz para medir essas diferenças, oferecendo *insights* valiosos sobre como as pessoas percebem e organizam suas memórias.

O Teste de Recordação Autobiográfica (ART) pode ser amplamente utilizado em pesquisas psicológicas, educacionais e clínicas. Ele permite avaliar como as memórias autobiográficas influenciam a saúde mental, a personalidade e o comportamento social. Além disso, o ART pode ser útil em contextos educacionais, ajudando a compreender como as memórias das professoras influenciam sua prática pedagógica e seu desenvolvimento profissional. No contexto da pesquisa com professoras, a componente “história de vida” emergiu como a mais relevante, indicando que a construção de uma narrativa coerente sobre a própria trajetória é fundamental para a identidade profissional. Isso sugere que intervenções que promovam a reflexão sobre a própria história de vida podem ser benéficas para o desenvolvimento profissional e pessoal dos educadores.

Embora o ART tenha demonstrado alta confiabilidade e validade, o estudo foi limitado a um grupo específico de professoras. Futuras pesquisas poderiam expandir a aplicação do teste para outros grupos populacionais e contextos culturais, a fim de explorar como as diferenças individuais e culturais influenciam a experiência da memória autobiográfica.

O desenvolvimento da memória autobiográfica é um processo complexo e multifacetado, influenciado por fatores individuais, sociais e culturais. O ART se mostrou uma ferramenta valiosa para medir diferenças individuais na experiência de memórias autobiográficas, oferecendo novas perspectivas para a pesquisa em psicologia, educação

e saúde. A compreensão de como as pessoas recordam e interpretam suas memórias pode contribuir para o desenvolvimento de intervenções que promovam o bem-estar psicológico e o crescimento pessoal e profissional.

5 Referências

21

ANDREANO, J.M.; CAHILL, L. Sex influences on the neurobiology of learning and memory. **Learn Mem**, [S.l.], v.16, n. 4, p. 248-66, 2009. doi: 10.1101/lm.918309. PMID: 19318467.

ANDERSON, A. J.; CONWAY, M. A. Investigating the structure of autobiographical memories. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, [S.l.], v. 19, n. 5, p. 1178-1196, 1993.

BAUER, P. J.; STENNES, L.; HAIGHT, J. C. Representation of the inner self in autobiography: women's and men's use of the language of internal states in personal narratives. **Memory**, [S.l.], v. 11, p. 27–42, 2003.

BERNTSEN, D.; HOYLE, R.H.; RUBIN, D.C. The Autobiographical Recollection Test (ART): A Measure of Individual Differences in Autobiographical Memory. **J Appl Res Mem Cogn**, [S.l.], v. 8, n. 3, p. 305-318, 2019. doi: 10.1016/j.jarmac.2019.06.005.

CÁRDENAS-EGÚSQUIZA, A. L.; BERNTSEN, D. Individual differences in autobiographical memory predict the tendency to engage in spontaneous thoughts. **Memory**, [S.l.], v. 31, n. 9, p. 1134–1146, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09658211.2023.2229085>. Acesso em 20 mar. 2025.

CONGLETON, A.R.; BERNTSEN, D. The assessment of autobiographical memory. An overview of behavioral methods. In: OTANI-SCHWARTZ, B. L. (ed.). **Handbook of research methods in memory**. Routledge: New York. 2018.

CONWAY, M. A.; PLEYDELL-PEARCE, C. W. The construction of autobiographical memories in the self memory system. **Psychological Review**, [S.l.], v. 107, p. 261-288, 2000.

FAN, W.; YAN, Z. Factors affecting response rates of the web survey: A systematic review. **Computers in Human Behavior**, [S.l.], v. 26, n. 2, p. 132-139, 2010. ISSN 0747-5632. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2009.10.015>. Acesso em: 01 mar. 2025.

FIVUSH, R. The development of autobiographical memory. **Annual review of Psychology**, [S.l.], v. 62, p. 559-582, 2011.

GEHRT, T. B.; NIELSEN, N. P.; HOYLE, R. H.; RUBIN, D. C.; BERNTSEN, D. Individual differences in autobiographical memory: The autobiographical recollection test predicts ratings of specific memories across cueing conditions. **Journal of Applied Research in Memory and Cognition**, [S.l.], v. 11, n. 1, p. 85–96, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/h0101869>. Acesso em: 01 mar. 2025.

GRAMA, S. Memory, History, Culture and the Mind The Oral History Reader. **Caetele Echinox**, [S.l.], v. 15, p. 23-31, 2008.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HINKLE, D.E.; WIERSMA, W.; JURIS, S.G. **Applied Statistics for the Behavioral Sciences**. 5th ed. Boston: Houghton Mifflin, 2003.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional de professores. In: Nóvoa, A. (org). **Vida de professores**. Porto: Editor, 2000.

ILIN, V. “Memory studies: from memory to oblivion”. **Problems of World History**, [S.l.], n. 12, p. 26–40. 2020. doi: 10.46869/2707-6776-2020-12-2.

JOHNSON, M.K.; HASHTROUDI, S.; LINDSAY, D.S. Source monitoring. **Psychological Bulletin**, [S.l.], v. 114, p. 3–28, 1993.

KOO, M.; YANG, S.H. Likert-Type Scale. **Encyclopedia**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 18, 2025. Disponível em: <https://www.mdpi.com/3165890>. Acesso em: 10 mar. 2025.

LEPORT, A.K.R. *et al.* Behavioral and neuroanatomical investigation of highly superior autobiographical memory (HSAM). **Neurobiology of Learning and Memory**, [S.l.], n. 98, p. 78–92, 2012.

LOWENTHAL, D. Memory and oblivion. **Museum Management and Curatorship**, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 171-182, 1993. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0964-7775\(93\)90020-J](https://doi.org/10.1016/0964-7775(93)90020-J). Acesso em: 10 mar. 2025.

PALOMBO, D.J. *et al.* Severely deficient autobiographical memory (SDAM) in healthy adults: A new mnemonic syndrome. **Neuropsychologia**, [S.l.], v. 72, p. 105–118, 2015.

RUBIN, D. C.; UMANATH, S. Event memory: A theory of memory for laboratory, autobiographical, and fictional events. **Psychological Review**, [S.l.], v. 122, n. 1, p. 1–23, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0037907>. Acesso em: 10 mar. 2025.

RUBIN, D.C.; SCHRAUF, R.W.; GREENBERG, D.L. Stability in autobiographical memories. **Memory**, [S.l.], v. 12, p. 715–721, 2004.

RUBIN, D. C.; BERNTSEN, D. The frequency of voluntary and involuntary autobiographical memories across the life span. **Memory & Cognition**, [S.l.], v. 37, n. 5, p. 679–688, 2009. Disponível: <https://doi.org/10.3758/37.5.679>. Acesso em: 10 mar. 2025.

WHEELER, M.A.; STUSS, D.T.; TULVING, E. Toward a theory of episodic memory: The frontal lobes and autonoetic consciousness. **Psychological Bulletin**, [S.l.], v. 121, n. 3, p. 331–354, 1997.

ⁱ **Aline Soares Campos**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2205-4697>

Universidade Federal do Ceará

Secretaria de Educação do Estado do Ceará

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (PPGE/FACED/UFC). Orientador: Dr. José Gerardo Vasconcelos. Linha de Pesquisa: História e Memória da Educação. Eixo Temático: História, Memória e Práticas Culturais Digitais. Professora de Educação Física da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC/CE - 1998) e Pedagoga. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC - 2009).

Contribuição de autoria: Introdução, metodologia, resultados e discussão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3316291257184974>

E-mail: alinescampos71@gmail.com

ⁱⁱ **Danielle Rodrigues de Oliveira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0505-7252>

Universidade Federal do Ceará, Secretaria Municipal de Educação – Fortaleza – CE

Doutora em Educação Brasileira pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará - UFC (2022), mestrado em Educação Brasileira (2017) e graduada em História (2014) pela mesma universidade. Pedagoga pela Universidade Estácio de Sá (2022). Integrante do Núcleo de História e Memória da Educação (NHIME/UFC). Atualmente, professora com vínculo efetivo na Prefeitura de Fortaleza, atuando no ensino fundamental, anos iniciais.

Contribuição de autoria: Introdução e metodologia.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6213226508762682>

E-mail: danifaced@gmail.com

ⁱⁱⁱ **Francisca Mayane Benvindo dos Santos**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4923-3759>

Universidade Federal do Ceará

Secretaria Municipal de Educação – Fortaleza – CE

Doutoranda em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará- UFC. Professora da Educação Básica na rede municipal de Fortaleza. Integrante do grupo de pesquisa História e Memória da Educação (NHIME/UFC). Integrante do grupo de pesquisa Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO/UECE).

Contribuição de autoria: Resultados e discussão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6027100094264957>

E-mail: benvindomayane@gmail.com

^{iv} **Paula Andrea Oliveira Dantas**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6060-7547>

Universidade Federal do Ceará

Secretaria de Educação do Estado do Ceará

Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Ceará (2003). Pós-graduação em Gestão de Políticas Públicas - Universidade Federal de Juiz de Fora. Atualmente é mestra em Educação pela Universidade Estadual do Ceará - UECE e professora de Língua Portuguesa-Secretaria da Educação do Estado do Ceará.

Contribuição de autoria: Resultados e discussão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6199268236816511>

E-mail: andreadantas@gmail.com

^v **José Gerardo Vasconcelos**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0559-2642>

Universidade Federal do Ceará

Professor Titular de Filosofia da Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC.

Contribuição de autoria: Considerações finais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1590976796851445>

E-mail: gerardovasconcelos1964@gmail.com

Editora responsável: Genifer Andrade

Especialista *ad hoc*: Vitória Chérída Costa Freire e Sâmia Araújo Santos.

Como citar este artigo (ABNT):

CAMPOS, Aline Soares.; OLIVEIRA, Danielle Rodrigues de.; SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos.; DANTAS, Paula Andrea Oliveira.; VASCONCELOS, José Gerardo. A memória autobiográfica de professoras. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 8, e15534, 2026. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/15534>

Recebido em 9 de maio de 2025.

Aceito em 1 de setembro de 2025.

Publicado em 01 de janeiro 2026.